

# As Dimensões do Cânone

## Textos que Balizaram a Teoria da Arte na China Imperial

GIORGIO SINEDINO\*

O notável crescimento da China ao longo das duas últimas décadas tem sido motivo de grande atenção por parte da comunidade internacional. Entretanto, numa perspectiva mais ampla, se consideradas as experiências do Japão e da República da Coreia, são mais de 60 anos de milagres económicos ininterruptos. Não é necessário lembrar que há uma série de elementos culturais a unir esses países, cuja compreensão ofereceria, talvez, uma perspectiva diferente da “ascensão da Ásia do Leste”. Desta forma, ao invés de capítulos isolados na impessoal história do capitalismo internacionalizado, uma abordagem culturalista permite entrever questões muito mais sofisticadas, como os próprios limites da globalização.

Nesse contexto, é um facto inegável que o estudo da cultura do Leste Asiático ainda não pôde se estabelecer sobre bases firmes nos países lusófonos, malgrado Portugal haver sido uma das primeiras nações europeias a chegar à região. Nos últimos séculos, contudo, países como França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos não apenas realizaram um trabalho consistente de tradução e comentário do património literário desses povos, mas ainda conceberam para si verdadeiras tradições académicas na área – cada qual

reflectindo as peculiaridades e inclinações das suas próprias culturas.

Esta lacuna torna-se ainda mais importante na medida em que os interesses concretos dos países lusófonos se vêem cada vez mais empenhados na Ásia do Leste. Conhecimentos de primeira mão tornam-se prementes, por uma necessidade natural de gerir o relacionamento com tais nações – em especial com a China, a maior e a mais importante historicamente de todas elas. Num contexto em que o equilíbrio de forças no mundo se transforma a cada dia, restringir-nos ao estudo da economia e do direito chineses somente pode satisfazer as demandas da hora. É importante *scire per causas*, pois o que se considera “facto” possivelmente está condicionado a uma atitude cultural que não compreendemos.

Convencidos de que o estudo directo das fontes é a maneira mais eficaz de se obter um retrato imparcial da realidade, este projecto apresentará um conjunto de traduções comentadas de textos que a tradição chinesa singularizou como fundamentais. Para instrumentalizar uma interpretação histórica, exploraremos o abrangente campo da cultura desse país através de sua “arte”. Embora o termo “arte” seja usado arbitrariamente neste projecto para abranger três categorias principais (literatura, música e pintura) – o resultado final da compilação dos textos escolhidos certamente destacará as peculiaridades chinesas, conforme palavras e actos da sua própria cultura.

As traduções serão organizadas em módulos, seleccionando textos conforme o seu valor histórico e relevância para as três categorias apontadas como “artes”. Para o primeiro módulo, prevê-se um estudo cuidadoso

de uma série de textos canónicos em sentido estrito, por exemplo o “Grande Intróito” ao *Clássico dos Poemas* (*Shi-jing* 詩經), que definiu o vocabulário básico da teoria poética chinesa; o capítulo das *Clássico dos Ritos* (*Liji* 禮記), “Anotações sobre a Música”, que comporta uma verdadeira teoria moral e educativa da música; secções do “Tratado Bibliográfico-Artístico” do *Livro dos Han* (*Hanshu* 漢書) onde se consolida a primeira reflexão sobre o conceito das *artes liberales* chinesas. Após estes, serão traduzidas obras de referência para a teoria da arte compostas por artistas de primeira ordem. Do riquíssimo período de fragmentação política entre a dinastia Han e Tang, serão traduzidos textos de luminares como Cao Pi 曹丕, Lu Jia 陸賈, Ruan Ji 阮籍, Ji Kang 嵇康, Gu Kaizhi 顧愷之, Liu Xie 劉勰, Zhong Rong 鍾嶸 – os quais, cada um à sua maneira, contribuiu para dar mais sofisticação ao vocabulário artístico e à teorização da prosa, poesia e música; por último, atenção será dada também a alguns autores do período Tang e Song, por exemplo a primeira grande compilação biográfico-crítica sobre a pintura chinesa, por Zhang Yanyuan 張彥遠; o grande tratado sobre a cítara *qin* 琴 de Zhu Zhangwen 朱長文; sem olvidar das poesias dedicadas à música e pintura de figuras maiores, dois verdadeiros *connaisseurs*, Bai Juyi 白居易 e Su Shi 蘇軾.

Espera-se que o trabalho de investigação dos textos através de um comentário corrido permita ao leitor apreciar as subtilezas do original em chinês arcaico, encorajando-o a engajar-se emocionalmente com as obras. Os textos chineses não devem ser lidos com a expectativa de que sejam imparciais, claros e “racionalis”. Muitas vezes o leitor perceberá que o dogmatismo e a dubiedade de várias passagens mascaram uma luta constante do artista para criar o seu próprio espaço – o que diz muito sobre a condição do indivíduo nas sociedades do Leste Asiático. Portanto, para além do inquestionável valor intrínseco das obras em si, este projecto deseja convidar o leitor a interessar-se pela realidade cultural chinesa – atemporal no seu tradicionalismo.

### ARTE POÉTICA NA CHINA ARCAICA. À GUIA DE CONTEXTO

Se poesia hoje em dia é pouco mais do que um modo de expressão artística, no passado ela era o veículo por excelência das tradições sagradas. Não é por acaso que cada uma das grandes civilizações antigas possuía os

seus próprios poemas fundadores: os épicos homéricos para os greco-romanos; os *Salmos* para os três “povos do Livro”; os *Vedas* para os antigos hindus e o *Clássico dos Poemas* para os confucianos<sup>1</sup> – só para citar uma referência de um grupo de culturas hoje ainda “vivas”. Mais do que literatura, esses grandes poemas sintetizam valores, formas de pensar e de viver. Além disso, os seus autores possuíam um estatuto que os colocava lado a lado com os grandes heróis e líderes espirituais. Mais do que palavras, as suas poesias eram uma *revelação*. Vale assinalar que não apenas os autores, mas também os especialistas na declamação desses textos gozavam de grande reputação não apenas enquanto *eruditos* – o mesmo vale em nossa época –, mas sobretudo como *sábios*.

Por conseguinte, a relevância da poesia no mundo antigo é pouco compreensível para um moderno. No mundo contemporâneo, é possível falar de poesia como “um tipo de escrita”. Os mais antigos poemas, todavia, precedem a vulgarização das letras. Era por meio de composições em verso que conhecimentos e crenças eram legadas à memória das novas gerações. Muitas vezes o “currículo escolar” correspondia a exercícios de memorização e declamação dessas obras. Naturalmente, a dicção dos poetas condicionava o falar culto das elites, as suas figuras de linguagem moldavam as faculdades imaginativas das sociedades a que pertenciam, a sua forma de ver o mundo tornava-se o critério segundo o qual se definia e/ou se julgava a realidade. Mesmo no Ocidente, cuja história está pontilhada de desafios à e quebras da tradição, a ideia de *auctoritas* dos poetas – mesmo que apenas no campo educacional – permaneceu viva para além do Renascimento.

Essas características da poesia antiga estão igualmente presentes na China arcaica. Nesse contexto, tem grande relevo o *Clássico dos Poemas*, a primeira colectânea de poesia da China, reunindo obras que datam de cerca de 1100 a.C. até o início do período conhecido como da Primavera e Outono (春秋 *Chunqiu*, aprox. 771-476 a.C.). Conforme critérios relativamente frouxos de autoria, a obra divide-se em três secções: poemas do povo (os “ventos”), da aristocracia (as “odes”) e religiosos (os “cânticos”). Esses textos integravam um conjunto de disciplinas chamadas de “Seis Clássicos”<sup>2</sup> (六經 *Liujing*), base do currículo confuciano e, ultimamente, dos exames de acesso às carreiras públicas que definiram a vida política na China a partir da dinastia Sui (581-618). Os *Poemas*

\* Mestre em História das Ideias pelo Departamento de Filosofia e Religião da Universidade de Pequim, prepara o doutoramento em História da Religião Chinesa na Academia de Filosofia da Universidade Renmin da China. Traduziu e comentou clássicos chineses para a Editora da Universidade Estadual Paulista.

M.A. in History of Chinese Ideas, Peking University (Department of Philosophy); Ph.D. candidate in History of Chinese Religion, Renmin University (Academy of Philosophy). He has translated and commented the *Analects* (2012) and *Laotzi's Dao De Jing* (to be published in 2015), all published by the Universidade Estadual Paulista Press (Brazil).

## AS DIMENSÕES DO CÂNONE

preservaram o seu estatuto de “clássico” ao longo de toda a história da China, embora diferenças de ênfase no seu emprego fossem inevitáveis. Mas antes de entrarem nessas particularidades, cumpre discorrer sobre a *auctoritas* da obra. Um bom ponto de partida é compará-la a poemas fundadores de outras culturas.

Em comparação com os ciclos homéricos, não há no *Clássico* a pujança de enredo, a imaginação de e curiosidade em terras distantes, nem a força de carácter dos personagens – que sinaliza o individualismo da civilização ocidental. Na China, as ênfases são diferentes. A partir do *Clássico*, o viço da poesia chinesa não está na acção dramática, mas na expressão lírica – que desvela mundos íntimos não raro sob o *leitmotiv* de conflitos invencíveis contra os sentimentos e convenções colectivas. Também não há paralelo com a “proto-ciência” de Homero. Embora Confúcio atribua aos *Poemas* o condão de transmitir conhecimentos de facto sobre a natureza, não há paralelismo entre o texto chinês e sua contraparte grega quanto à validade dos versos de Homero nos campos da navegação, estratégia militar ou medicina.<sup>3</sup>

Os paralelos também falham face às suas contrapartidas do Oriente Próximo. O teísmo dos “cânticos”, terceira parte dos *Poemas*, difere dos *Salmos* e dos *Vedas* em que a devoção religiosa ali reflectida por vezes parece ser um mero remédio para as punições celestes ou um mecanismo legitimador do exercício de poder. Afora as menções a espíritos e práticas religiosas, falta nos “cânticos” o mesmo impulso metafísico ou “sentimento oceânico” tão notórios dentre os judeus e hindus. Mais uma vez, falta no *Clássico* o sabor de devoção individual, bem como qualquer indício de crença em salvação ou redenção, que se distinga da pura distribuição de bênçãos e

punições conforme o saldo de boas e más acções do realizador do sacrifício.

Portanto, é nos pormenores da *auctoritas* dos *Poemas* que compreendemos as suas peculiaridades. A linha condutora do pensamento chinês é o problema da governança, sobretudo da governança do grupo. Não seria errado propor que a governança do “indivíduo” somente faz sentido na medida em que contribui para resolver conflitos colectivos. Uma característica latente da sociedade chinesa é a sua estrita hierarquia e os minuciosos códigos que existem para a preservar. Estas peculiaridades certamente influenciam a concepção literária e o gosto que virá a julgá-la. Sob esse pressuposto, como viam os chineses o *Clássico*? Qual a sua utilidade? De uma forma mais profunda, como se distingue uma noção autónoma de poesia e de poético? O que baliza a concepção das obras, em termos técnicos e estéticos?

Este trabalho apresenta uma tradução seguida de comentário do primeiro texto (e dos mais influentes) da crítica poética chinesa, o “Grande Intróito ao *Clássico dos Poemas*”, que propõe respostas a todas essas questões. O “Intróito” foi o primeiro texto a reflectir sistematicamente sobre o *Clássico* duma perspectiva estritamente literária e também a tratar da “poesia” como um fenómeno artístico. O seu carácter fragmentário, por um lado, remete à sua origem, de ensinamento oral, e, por outro, exemplifica o hábito chinês de “saltar as conclusões”, com registos tersos, por vezes precários, engendrando a necessidade de tradições hermenêuticas. A leitura do “Intróito” serve como registo autêntico das preocupações primeiras que os eruditos da China arcaica dedicaram ao *Clássico dos Poemas*. Indubitavelmente, é a melhor introdução à arte poética do país naquele período. **RC**

## THE DIMENSIONS OF THE CANON

## NOTAS

- 1 O termo “confuciano” é aqui adoptado com todas as suas perplexidades, a primeira das quais é a de que a cultura confuciana começa muito antes de Confúcio (551-479 a.C.), já que “o Mestre” se apresenta como um defensor das melhores tradições da dinastia Zhou, bem como do seu património intelectual e literário. Não obstante, diferentemente da nobreza no poder, Confúcio representava uma elite intelectual cuja única propriedade de facto eram os próprios conhecimentos, instrumentais para a sua sobrevivência e eventual sucesso em carreiras ao serviço de quem governava de facto.
- 2 A tradição reza que o ensino na China arcaica se dividia em duas secções, ambas com seis disciplinas: (1) o “pequeno aprendizado” (小學 *xiaoxue*), incluindo a escrita e técnicas de contagem para a administração; tiro com arco, condução de carruagens para a guerra; noções de música e a prática da etiqueta (na expressão de Zhu Xi 朱熹, descrita como “disciplina de lavar e varrer o chão; rotinas de como responder e reagir, entrar e sair da presença”, 灑掃應對進退之節 *sasao yingdui jintui zhibie*, cf. a introdução à obra Pequeno Aprendizado [小學集解 *Xiaoxue jijie*] daquele autor), para definir as fronteiras entre o mundo interior e a hierarquia social; (2) o “grande aprendizado” (大學 *daxue*), centrado na síntese confuciana da literatura clássica, primeiramente a partir de seis obras: *Clássico dos Poemas* (*Shijing* 詩經), *Clássico dos Ritos* (*Liji* 禮記), *Tratado da Música* (*Yuejing* 樂經),

- 3 *Clássico dos Documentos* (*Shujing* 書經), *Clássico das Mutações* (*Yijing* 易經) e *Anais de Primavera e Outono* (*Chunqiu* 春秋). É célebre a passagem dos *Analectos* (論語 *Lun Yu*) (17.9): “O Mestre disse: ‘Pequeninos! Porque ninguém estuda os *Poemas*? Os *Poemas* podem [desenvolver] associações, podem [desenvolver] a percepção, podem [desenvolver] a sociabilidade, podem [desenvolver] a crítica. Com relação ao que está próximo [podeis inspirar-vos nos *Poemas*] para servir os vossos pai. Com relação ao que está longe, [podeis intuir dos *Poemas*] como servir o governante. [Os *Poemas* são úteis] para decorar os nomes dos pássaros, dos animais, das ervas e das árvores’”. Não obstante estar claro que a função estritamente educacional dos *Poemas* pode ser depreendida desta passagem, não é coincidência que venha em último lugar, após duas mais importantes. Em primeiro lugar vêm “associações mentais, percepção dos significados implícitos, compreensão das relações e hierarquia social”. Com as limitações de uma sociedade arcaica, diferenças dialectais impunham um grande dificuldade para o trabalho de gestão centralizada. Tais diferenças foram remediadas por uma espécie de código rudimentar baseado nos *Poemas*. Em segundo lugar, vem “servir o pai, servir o soberano”, que acentua o papel da obra na doutrinação moral-ideológica característica da cultura chinesa.